



ELOGIO A HELENA ¹

(Górgias)

Perfeição para uma cidade é o valor de seus habitantes, para um corpo, a beleza, para uma alma a sabedoria, para uma ação, a virtude, para um pensamento, a verdade. As qualidades contrárias a essas implicam imperfeição 

Em um homem, em uma mulher, em um pensamento, em uma ação, em uma cidade, é necessário honrar com louvores o que seja digno de louvor e cobrir de censuras o que seja objeto de censura. Pois tão errôneo e inexato é censurar o que deve ser enaltecido, como enaltecer o que deve ser censurado. E é obrigação de um mesmo homem proclamar a verdade e refutar aqueles que censuram Helena, mulher sobre a qual chegou a ser consenso unânime a opinião da tradição poética e o significado de seu nome, que leva consigo a lembrança de acontecimentos infortunados. 


Pretendo, argumentando com lógica sobre a depreciativa tradição referente a ela, liberá-la de toda acusação, fazer cessar a ignorância, demonstrando que seus acusadores estão equivocados e descobrir a verdade.

Todo o mundo sabe que, por sua origem e linhagem, foi ilustre entre homens e mulheres a pessoa a que se refere este discurso. Com efeito, é sabido que, como mãe teve Leda e como pai, um deus, ainda que tido como mortal, Zeus e Tíndaro, dos quais um, por ser imortal, foi acreditado e o outro, por vangloriar-se disso, foi alvo de desconfiança; um era o mais poderoso dos homens e o outro, o senhor de todas as coisas.



Por haver tido tais pais, desfrutou de uma beleza igual à de uma deusa, e essa beleza que possuía não a manteve oculta. Incendiou de muitíssimas paixões de amor muitíssimos homens e, com um só corpo, conseguiu muitos pretendentes orgulhosos por suas grandes qualidades, dos quais uns tinham fortunas imensas, outros, grande renome pela antiguidade de sua nobreza, outros, beleza por seu vigor físico, outros, prestígio pela sabedoria adquirida. E todos ficaram tomados por um amor ardente e um desejo invencível.

Não vou expor quem, por que e como satisfez seu amor por Helena, apoderando-se dela. Pois dizer coisas já sabidas a todos os que as sabem confirma seu saber, mas não lhes causa nenhum prazer. Por esse motivo, passando por alto em minha fala o tempo em que isso aconteceu, vou dar início ao discurso que


¹ GÓRGIAS, *Fragmentos y testimonios*, Buenos Aires: Aguilar, 1980, p. 85-92. Tradução de Eloísa Cerdán del Lama e Antônio Suárez Abreu.

pronunciarei e exporei as causas pelas quais era natural que se produzisse a caminhada de Helena para Tróia. 

Helena fez o que fez seja por decisão da fortuna, influência dos deuses ou desígnio do destino, seja porque foi raptada ou porque foi convencida por palavras.

Se foi pela primeira causa, é um mérito  para o acusado ser acusado disso, já  que é impossível impedir a vontade de um deus com a previsão humana. Pois foi estabelecido por natureza não que o mais forte seja dominado pelo mais fraco, mas que o mais fraco seja dominado e submetido pelo mais forte e que o mais forte marque o caminho e o mais fraco o siga. E os deuses são mais fortes que o homem, pelo seu poder, por sua sabedoria e por muitas outras qualidades. Portanto, se há de atribuir-se a causa à fortuna ou à divindade, é preciso eliminar a má fama de Helena.

Se foi raptada violentamente, sofreu ilegal violência e padeceu injusta ofensa, é evidente que o culpado foi quem a raptou, por ter praticado um ultraje, mas a raptada, por haver recebido esse ultraje, foi apenas uma desventurada. O bárbaro que comete um ato bárbaro merece ser castigado com a lei, com a palavra e com a ação; com a lei, mediante a perda de seus direitos civis; com a palavra, mediante uma acusação; com a ação, mediante uma sanção penal. Mas, a que foi violentada, privada de sua pátria e afastada de seus amigos, como não deveria ser objeto de compaixão e não de difamação? Um comete o delito, a outra padece. Portanto, o justo é compadecer-se desta e reprovar aquele.

 Se foi convencida e enganada com seu espírito, pela palavra, não é difícil neste caso, defendê-la e liberá-la de toda acusação. A palavra é um poderoso soberano, que, com um pequeníssimo e muito invisível corpo, realiza empreendimentos absolutamente divinos. Com efeito, pode eliminar o temor, suprimir a tristeza, infundir alegria, aumentar a compaixão. Vou demonstrar que isto é assim, pois é necessário pôr isso de manifesto, perante a opinião dos que me escutam.

Eu considero e defino toda poesia como palavra com metro. Esta infunde nos ouvintes um estremecimento repleto de temor, uma compaixão repleta de lágrimas e uma saudade próxima da dor, de forma que a alma experimenta, mediante a palavra, uma paixão própria, motivada pela felicidade e a adversidade de assuntos e de pessoas estranhas.

E agora vou passar a outro argumento. As sugestões inspiradas mediante a palavra produzem prazer e afastam a dor. A força da sugestão, apropriando-se da opinião da alma, domina-a, convence-a e transforma-a como que por uma fascinação. Duas artes de fascinação e de encantamento foram criadas, as quais servem de extravio à alma e de engano à opinião. E quantos enganaram e enganam

a quantos, e em quantas coisas com a exposição hábil de um argumento errôneo! Se todos os homens tivessem uma completa lembrança do passado, conhecimento do presente e previsão do futuro, esse argumento não poderia enganá-los do modo com o faz. Mas é impossível relembrar o passado, conhecer o presente e predizer o futuro. E, por isso, a maior parte dos homens e na maior parte das questões tomam a opinião como conselheira da alma. Mas a opinião, sendo incerta e inconsistente, atira os que se servem dela em infortúnios inconscientes e incertos. E, portanto, que causa pôde impedir que, também e de um modo análogo, a sugestão dominasse Helena, ainda não sendo a primeira vez, com o mesmo resultado que se tivesse sido raptada violentamente? Pois à força da persuasão, da qual nasceu o desejo de Helena, é impossível resistir e, por isso, não há lugar para censura, já que a persuasão tem o mesmo poder que o destino. Com efeito, a palavra que persuade a alma obriga necessariamente essa alma, que persuadiu, a obedecer às suas ordens e aprovar seus atos. Portanto, o que infunde uma persuasão, uma vez que priva alguém da liberdade, opera injustamente, mas quem é persuadida, uma vez que é privada de sua liberdade pela palavra, só por erro pode ser censurada.

Desde que a persuasão produzida pela palavra modela a alma como quer, há que se fixar, em primeiro lugar, nas teorias dos fisiologistas, que, substituindo uma opinião mediante a expulsão de outra conseguem que o que é inacreditável e obscuro se apresente como evidente aos olhos da opinião. Em segundo lugar, nas convincentes argumentações dos discursos judiciais, um só discurso encanta e persuade uma grande multidão, sempre que tenha sido escrito com habilidade, independentemente de sua veracidade. Em terceiro lugar, nas discussões de matérias filosóficas, também se mostra a habilidade da mente, uma vez que torna mutável a confiança em uma opinião. E existe a mesma proporção entre o poder da palavra com respeito à disposição da alma que entre o poder dos medicamentos com relação ao estado do corpo. Assim como certos medicamentos expulsam do corpo certos humores e outros, outros distintos humores e uns eliminam a doença e outros, a vida, assim também algumas palavras produzem tristeza, outras, prazer, outras, temor, outras infundem nos ouvintes coragem, outras, mediante uma maligna persuasão, envenenam e enganam a alma.

Assim, pois, demonstrei que, se foi convencida pela palavra, não foi culpada, mas que teve má sorte.

E passo a expor a quarta causa com o quarto argumento. Se o que originou seus atos foi o amor, não é difícil que se evite a acusação de culpa no que se diz que incorreu. As coisas que vemos têm a natureza própria de cada uma delas, não a que queremos. Além disso, mediante a percepção visual, a alma é modelada em seu modo de ser. E assim, quando a visão contempla pessoas inimigas revestidas de armadura guerreira com ornamentos guerreiros de bronze e de ferro, sejam

ofensivos, sejam defensivos, apavora-se e apavora sua alma, de modo que, muitas vezes, fugimos cheios de pavor, ainda que não haja um perigo imediato.

A verdade dessa argumentação se apresenta como poderosa em função do temor que deriva da percepção visual, a qual, uma vez que se tenha produzido, faz com que se renuncie a atuar, ainda que se saiba o que é bom segundo a lei e o que é justo, segundo o Direito.

Por outro lado, há pessoas que, por terem tido visões aterrorizantes, perdem instantaneamente o juízo em consequência delas: até tal ponto perturba e destrói a mente o temor. E muitos caem em absurdas doenças, em terríveis penas e em incuráveis loucuras: até tal ponto a vista gravou em seu espírito as imagens das coisas contempladas. E passo por cima de muitos exemplos de visões horripilantes, uma vez que são semelhantes às que não cito e às já indicadas.

Em outro sentido, os pintores, quando representam de modo perfeito um só corpo e figura usando muitas cores e corpos, deleitam a vista. A confecção de estátuas de homens e deuses produz nos olhos uma doce afeição. E, dessa forma, uns objetos dão tristeza à vista, outros desejos e, às vezes, muitos objetos produzem em muitos homens amor e desejo de muitos atos e corpos.

Portanto, se o olho de Helena originou em sua alma desejo e paixão amorosa pelo corpo de Paris, que há nisso de assombroso? Se o amor é um deus, como poderia resistir e vencer o divino poder dos deuses quem é mais fraco que eles? Se se trata de uma doença humana e de um erro da mente, não se deve censurá-la como se tivesse culpa, mas, sim, considerá-la como pessoa de má sorte. E, com efeito, ela se foi para Tróia, como foi, por causa dos enganos que padeceu em sua alma e não por voluntária decisão de seu espírito, devido à inexorabilidade do amor, por intrigas de sua arte.

Como é possível achar justa a censura a Helena, a que fez o que fez apaixonada ou persuadida por palavras ou raptada com violência, ou obrigada pelo poder divino e que, por isso, escapa por completo a toda acusação?

Apaguei com minha argumentação a infâmia de uma mulher, mantendo a norma que estabeleci no princípio do meu discurso; tentei destruir a injustiça de uma acusação e a ignorância de uma opinião; quis escrever este discurso como elogio a Helena, como um produto da minha fantasia.